A Morte da Verdade.

Eu, no alto de meus 88 anos, tenho visto muita coisa na história de nosso país, mas talvez nada tão acintoso como agora, sobre as várias camadas de máscaras que se sobrepõem à verdade no atual campo político, a ponto de estas serem aceitas como verdade, mas de fato sendo uma camada de mentiras. E o mais grave é este fato ser absolvido com naturalidade por uma maioria.

Para tentar entender isto, voltemos algumas décadas atrás aos Estados Unidos.

Um promotor de Nova Iorque, chamado Roy Marcus Cohn (1927-1986), destacou-se como conselheiro do Senador republicano Joseph Raymond MacCarthy, na década de 1950, na caça feroz e no julgamento de supostos comunistas do país, o que resultou em inúmeros interrogatórios, restrições de direitos civis e prisões. O mesmo Roy Cohn, cerca de quinze anos depois, já então influente agente político na cidade de Nova Iorque, torna-se um mentor de um jovem empresário do setor imobiliário, chamado Donald Trump e, a partir 1973, o orienta na estratégia de reação a um processo do departamento de justiça dos Estados Unidos contra este e seu pai, acusados de discriminação racial, por não aceitarem afro-americanos como inquilinos em seus imóveis. A estratégia empregada por Cohn foi a de Trump não se defender, mas sim processar o Estado em 100 milhões de dólares por difamação, alegando que as acusações eram falsas, e conseguindo a cobertura da imprensa, e mesmo perdendo o processo dois anos depois, finalmente chegou a um acordo judicial, mas sem fazer reconhecimento formal de culpa.

A tática de Cohn era atacar e nunca admitir derrota, isto apesar dos fatos demonstrarem o contrário. É interessante recordar, resumindo algumas normas de sua cartilha, a qual orientou Trump a partir de então em toda sua carreira como empresário e na vida política a partir de 2015, quando se candidata à presidência pelo partido republicano, as quais têm servido e não por acaso, como luva para as estratégias na eleição de chefes de governos da direita latino-americana atualmente e que estão servindo também como estratégias da campanha do PL e seus apoiadores, na atual disputa eleitoral no Brasil.

Eis alguns pontos da cartilha:

– *Atacar, atacar, atacar, e nunca ficar na defensiva. Dentro de uma acusação, contra-atacar mais violentamente.*

O candidato do PL manteve grande parte de sua campanha atacando seu opositor, Lula, que tem em sua longa trajetória um legado inegável de políticas públicas. As estratégias de sua campanha, que se basearam num momento primeiro fundamentalmente em atacar seu adversário tentando minar sua credibilidade e confiança popular em sua figura, e agora, na maior desfaçatez, começa a utilizar e as conquistas sociais do governo do PT adquiridas em anos, incorporando-as a suas promessas de campanha nas últimas semanas, prometendo até melhorá-las, ele que até então estava sem apresentar um programa de governo minimamente consistente.

– *Negar qualquer acusação e jamais admitir um erro, uma fraqueza ou mesmo diante de claras evidências, a estratégia é distorcer a narrativa e atacar ou processar o adversário.*

Flávio Bolsonaro tenta falsear as narrativas quando abordado em entrevistas sobre algumas páginas pouco eticamente explicáveis de sua biografia, sempre usando respostas evasivas que minimizam a relevância do assunto. É o caso sua relação com milícias e sua iniciativa da premiação de Adriano da Nóbrega, um notório assassino, um dos líderes do Escritório do Crime, grupo de extermínio do Rio de Janeiro, condecorado, quando preso, com a máxima honraria da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, a Medalha Tiradentes, em 2005. Flávio minimizou esse fato dizendo que tinha sido uma relação no passado, há cerca de 20 anos, o que, no entanto, define sua antiga e estreita afinidade com a contravenção.

– *Proclamar vitória sempre. Mesmo que derrotado, declare-se vitorioso ou que a derrota foi causada por uma armação ou perseguição.*

O Bolsonaro pai usou esta estratégia quando perdeu as eleições, atacando a eficiência das urnas eletrônicas, fato repetido por Flávio recentemente, talvez com temor de não vir a ser eleito.

Aqui gostaria de fazer um parêntese para refletir um pouco sobre as personalidades de Jair e Flávio e suas diferenças. Embora tragam na bagagem a ideologia semelhante, herdeira indireta do velho macarthismo, Jair, era um homem rude, por vezes grosseiro que revelava despudoradamente e claramente quem realmente era. Era o que expressava em suas palavras toscas. Diante de Flávio temos uma personalidade camaleônica que não expressa o que pensa, mas se adapta ao que lhe convém no momento; assume com facilidade uma fictícia personalidade moralizante, apesar de seu farto currículo mostrar o contrário. Portanto, estamos diante de alguém bem mais perigoso: um ilusionista das massas, um lobo com pele de cordeiro.

– *Usar a imprensa como arma: boa relação com jornalistas, colunistas de fofocas, para plantar histórias favoráveis, controlar manchetes e destruir a reputação de rivais.*

Em uma hábil estratégia de penetração, o uso da imprensa, recomendado no passado pela cartilha de Cohn, foi fartamente incrementado pelo uso da televisão, pelos ataques no horário eleitoral pelo PL ao adversário candidato à presidência, e principalmente pelo uso das redes sociais. Neste caso, provavelmente, cooptando para a sua campanha eleitoral muitos influenciadores, talvez sem ideologias políticas, mas que contassem já com milhares de seguidores. Esses, possivelmente foram remunerados para colaborar ativamente e agressivamente em favor da campanha do PL. Uma forma de atualização das orientações do guru de Trump nos anos 1970 para 2026.

A imprensa brasileira, em sua maioria vai, como sabemos, a favor dos ventos, e por alguma razão foram suspensas e silenciadas todas as reportagens investigativas que focavam os desmandos éticos da família Bolsonaro, favorecendo o rápido esquecimento e ajudando a reforçar em consequência essa imagem travestida de bom rapaz do atual candidato do PL. Nos inúmeros debates televisivos sobre o assunto, todos parecem pisar em ovos. Será que temem que sejam ovos de serpente?

Inconsequência, conveniência ou covardia, mas é um fato que é um favorecimento e conivência com uma grande falsidade ideológica.

– Criação de redes de influência através de pessoas com poder, ou dentro dos governos, mídia e negócios, criando uma rede de proteção e favores mútuos.

Essas redes de influência bem trabalhadas serviram entre outros casos para que o caso das rachadinhas na ALERJ tenha empacado e ficado sem julgamento até hoje.

Temos também um jogo mútuo em que o candidato do PL tem cativado uma classe consciente de quem ele é, sabendo bem o que está por trás de sua máscara, que é a classe empresarial e, mesmo assim, vota visando apenas suas conveniências pessoais, profissionais e, principalmente, financeiras, mas nunca visando ter um futuro governo preocupado com o bem-estar comum de todos os cidadãos de uma sociedade que minimize a desigualdade social. Tudo isto fruto de um imediatismo e falta de visão, pois uma sociedade mais igualitária é mais favorável inclusive para todas as classes produtivas de um país.

Os que votaram no primeiro turno no candidato do PL se dividem em dois grupos: os que sabem e são bem informados, assunto destacado pelo excelente artigo de João Moreira Salles na última Piauí, e assim mesmo coniventes, e conscientemente aceitam a falsidade de um candidato a presidente, visando proveito próprio; e a outra, mais desinformada, mas beirando o fanatismo, acredita ou precisa acreditar na narrativa distorcida do personagem travestido de bom cidadão enquanto candidato, que é Flávio Bolsonaro.

É assustador que muitos não se importam absolutamente em eleger um indivíduo que tem no mínimo cinco escândalos de corrupção em sua ficha. Para esclarecer isso melhor, recomendo ver *5 esquemas de Flávio Bolsonaro*, do Café com Boulos.

Esse depoimento de Boulos, documentado com notícias da mídia, descreve o currículo questionável deste que está na frente da maioria das pesquisas para vencer também no segundo turno das eleições brasileiras. Currículo que inclui a incompatibilidade de seu patrimônio com a compra de imóveis como dezenas de apartamentos, pagos em dinheiro vivo, inclusive a compra da mansão onde reside, por 6 milhões de reais, financiada em boa parte pelo BRB, com juros exclusivos de 3,70% ao ano. Outro fato é a questão até hoje não julgada das rachadinhas ou a condecoração

de um miliciano, assassino e preso, esta levada pessoalmente por Flávio e o pai a Adriano da Nóbrega, na prisão, caso já referido acima.

Aliás, tudo isto foi divulgado no seu momento amplamente na mídia. Todos os brasileiros minimamente informados sabem disso e conhecem esse histórico do candidato. Falta de escrúpulo de quem vota nele? Como se justificam perante suas consciências?

O inacreditável é que tudo isto como um passe de mágica desaparece da memória coletiva da massa votante e, em pouco tempo, o falso personagem travestido pelo atual candidato defende o ataque ao crime organizado e fala, na maior desfaçatez, em combate à corrupção quando ele é comprovadamente corrupto.

Creio que está claríssima qual a estratégia de sua campanha para ocupar a presidência. Está traçada nos mesmos princípios da cartilha de Roy Cohn, cujo objetivo principal é falsear a verdade, mudar a narrativa, e afirmar o falso, embora os fatos comprovem o contrário. A repetição da mentira tornando-a uma "verdade" para uma maioria.

A mentira mascarada de verdade é o que temos que encarar e combater.

Senão, pobre Brasil...

Vera Chaves Barcellos,

11 de outubro de 2026